

Eleições Autárquicas de 2016

A POLÍTICA É UM BEM

«Por favor, não olheis da varanda da vida, mas comprometei-vos, imergi-vos no amplo diálogo social e político» (Papa Francisco em Florença, 10 de novembro de 2015).

Olhar da varanda: não será talvez esta a atitude de tantas pessoas quando se fala de política? Sobrecarregados com os problemas e as dificuldades que às vezes parecem insuperáveis, **podemos viver um cansaço da liberdade e da responsabilidade**, que se traduz num crescente desafeto pelo voto e numa desconfiança em relação a qualquer formação política.

Mas este desafeto e esta desconfiança não têm origem só na política; a causa é bem diferente: uma crise do eu diante da «**vida que corta as pernas**» (C. Pavese, *Dialoghi con Leucò*), uma crise que se manifesta como um aborrecimento invencível, uma letargia misteriosa.

Há esperança de sairmos desta situação bloqueada, que nos deixa insatisfeitos e desiludidos?

Bastava talvez darmos um mínimo de atenção a nós próprios para reconhecermos que **em cada um continua a existir** – ainda que mal se note e seja até inconscientemente – **o desejo de um bem**: é uma «exigência de relações exatas, justas, entre pessoas e grupos, a exigência natural humana que a convivência ajude a afirmação da pessoa, que as relações “sociais” não sejam um obstáculo para a personalidade no seu crescimento» (L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*).

É este desejo, como bandeira da liberdade humana, que **fundamenta o espírito de uma verdadeira democracia**: a afirmação e o respeito pelo homem na totalidade das suas exigências de verdade, beleza, justiça, bondade e felicidade. Todo o jogo da vida social deveria ter como objetivo supremo o de manter vivo e **alimentar o desejo do qual jorram os valores e iniciativas** que juntam os homens.

Em 1992, num momento em que o nosso país era assolado por um terramoto político-judicial, Dom Giussani não ficou a olhar a vida da varanda, mas ofereceu o seu contributo convidando-nos a apostar precisamente no desejo: «**Quem sabe se este desejo** de tornar menos difícil a vida dos próprios filhos, ou de um determinado grupo de pessoas, **não faz desaparecer a certa altura o horizonte**. Ou seja, se quem tem este desejo percebe que, para o poder realizar, precisa de um ideal, de uma esperança. Eu acho que se pode esperar isto» (*Corriere della Sera*, 18 de outubro de 1992).

Enquanto cristãos, **pertencemos a uma realidade que alimenta esta esperança** e que nos lança num interesse por toda a realidade, a começar pelas relações mais íntimas e familiares, até às relações do mundo. Como disse o Papa Francisco em Florença: «Devemos recordar sempre que não existe humanismo autêntico que não contemple o amor como vínculo entre os seres humanos, de natureza interpessoal, íntima, social, política ou intelectual. Sobre isto se funda **a necessidade do diálogo e do encontro para construir juntamente** com os outros a sociedade civil. Os crentes são cidadãos».

Quem se candidata às próximas eleições autárquicas pode fazê-lo para abocanhar a sua pequena fatia de poder, alimentando assim o cansaço da liberdade e da responsabilidade das pessoas; ou **pode demonstrar que é possível procurar o bem comum** – com humildade e sem contrapartidas pessoais – através do diálogo e do encontro. Cada candidato pode testemunhar que a política é um bem, agindo com realismo e prudência, sem fazer promessas que não pode cumprir.

Ocupar-se do bem de todos numa administração local **é em si mesmo um bem**, porque significa contribuir para fazer das nossas cidades uma casa habitável para todos e para cada um de nós.